

IEMANJÁ, UM MITO DE MULHER INTEGRADA

Elisabete Silva Fernandes

Psicopedagoga e Professora de Artes do IFBA

betesfernandes@yahoo.com.br

Resumo: O texto constitui-se de observações e reflexões acerca do comportamento da mulher na sociedade atual, relacionando esse feminino com a Mitologia Africana, tomando-se por base o mito de Iemanjá e os fundamentos da Psicologia Analítica.

Palavras-chave: Iemanjá, Psicologia Analítica, Feminino.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho tem por objetivo ampliar a perspectiva sobre a importância da integração equilibrada de todos os aspectos pertinentes ao feminino, na mulher atual. Para tal, serão discorridos alguns conceitos básicos sobre a Psicologia Analítica e desenvolvidas algumas reflexões acerca da relação entre o conceito da grande Mãe e as qualidades guerreira (Iemanjá Ogunté) e materna (Iemanjá Aoiô) de Iemanjá.

Assim, esse trabalho leva a reflexões acerca do feminino, no intuito de enfatizar a importância do reconhecimento e manifestação equilibrada dos diversos aspectos inerentes à energia feminina, trazendo da mitologia africana a figura de Iemanjá como mito de mulher integrada. Representa Iemanjá, deusa da Mitologia Africana, um mito de mulher integrada?

Observamos, no mundo moderno, um comportamento feminino cada vez mais distorcido, competitivo, racional e analítico. Muitas vezes incoerente com a expressão do feminino, este comportamento apresenta-se sob uma forma exacerbada de atitudes masculinas e revela o desafio das mulheres no mundo moderno: Expressar a energia feminina que lhe é peculiar, acolhendo o seu aspecto masculino, a favor da sua realização. Na atualidade testemunhamos que há uma necessidade premente de recuperação do feminino na mulher

Ao analisarmos a questão sob uma perspectiva Junguiana, podemos afirmar que a mulher traz, desde o seu nascimento, um potencial energético que lhe é peculiar, consonante com determinados arquétipos do Inconsciente Coletivo, que vão sendo

moldados através da educação recebida. À medida que a mulher se desenvolve, diversas facetas se apresentam, no entanto, muitas vezes, manifestam-se distorcidas em relação ao potencial original do ser, devido a uma educação formal inadequada.

Relacionar as qualidades de Iemanjá, da mitologia africana, à mulher moderna facilita o entendimento acerca dos conflitos entre as atitudes femininas e masculinas tomadas por essa mulher que atualiza a memória arquetípica formativa do povo brasileiro em relação ao assunto em questão. Mas, principalmente permite aprofundar o estudo sobre a relação das qualidades das deusas com os aspectos da personalidade feminina que se manifestam a depender das circunstâncias de vida, permitindo à mulher um aprofundamento acerca de si mesma.

A problemática do Feminino tem exatamente o mesmo significado para os psicólogos da cultura, que reconhecem que a ameaça à humanidade atual assenta-se, em grande medida, no desenvolvimento patriarcal unilateral da mentalidade masculina, que não é mais compensado pelo mundo “matriarcal” da psique.

O modelo ideal da psicologia Profunda do futuro é o desenvolvimento do indivíduo até que ele atinja sua totalidade psíquica na qual o seu consciente esteja criticamente unido ao conteúdo de seu inconsciente.(NEUMAN,1996)

OS ARQUÉTIPOS E A MITOLOGIA

Em sua obra *O Homem e seus símbolos* (1987,p.56), Carl Gustav Jung, discorrendo sobre o valor do símbolo, salienta que há muitos deles, cuja natureza e origem não é individual mas, coletiva. Ele chegou a essa conclusão a partir de um sonho, o denominado sonho da casa (p.56), que o direcionou para a construção do conceito de inconsciente coletivo, considerado como fundamental da psicologia analítica.

Esse sonho, ocorrido em 1909, a bordo do navio que o conduzia, juntamente com Freud, para proferirem em nome da psicanálise e do movimento psicanalítico que crescia, as famosas conferências na Clark University, mostrava para ele que a interpretação freudiana dos sonhos, já não o satisfazia e que, o inconsciente postulado pela psicanálise seria uma camada superficial, diante daquelas mais profundas, que seriam os fundamentos estruturais da psique, comuns a todos.

Foi esse o momento em que Jung vislumbrou pela primeira vez que “a psique tem uma estrutura histórica, tal como uma série de camadas arqueológicas nas quais a

consciência é calcada por níveis psíquicos inconscientes que retroagem ao passado da própria raça humana” (JUNG, p. 67).

Essa estrutura histórica, zona nebulosa e composta de camadas mais profundas da psique, que mais tarde ele denomina Inconsciente Coletivo, torna-se o elemento que distingue da psicanálise a sua psicologia, tornando-se um de seus pressupostos originais.

Ao narrar esse fato, podemos dizer, inaugural, para a construção da sua Psicologia, na obra supra citada, Jung acrescenta: “por causa desse sonho pensei pela primeira vez na existência de um *a priori* coletivo da psique pessoal”. Essa constatação inicial foi ponto de partida para suas pesquisas. É Jung quem afirma: “Só mais tarde quando minhas experiências se multiplicaram e meu saber se consolidou, reconheci que esses modos funcionais eram formas de instinto: os arquétipos”. (JUNG, p.67).

Os arquétipos resultariam do depósito de impressões superpostas deixadas por vivências fundamentais comuns a todos os seres humanos independente da cultura e época:

Assim como o nosso corpo é um verdadeiro museu de órgãos, cada um com a sua longa evolução histórica, devemos esperar encontrar também na mente uma organização análoga, nossa mente não poderia jamais ser um produto sem história, e situação oposta ao corpo em que existe (JUNG, p.67)

Essas impressões, armazenadas através de milênios, seriam vivências típicas que se repetem ao longo da história e em todas as épocas.

Uma vez de posse dessa intuição, Jung dedicou-se a estudá-las intensamente, e reuniu uma série de mitos, contos de fadas e motivos religiosos de diversos lugares do mundo. Percebeu os surpreendentes paralelos entre imagens e mitos em grupos e locais e épocas diferentes que lhe levaram a concluir que há algo em comum para a origem de imagens psicóticas, imagens oníricas e fantasias pessoais. Pois é necessário ressaltar que os temas míticos não são encontrados apenas nos povos antigos: visões alucinações, delírios trazem de permeio componentes míticos, além do que, os sonhos são a nossa mitologia.

Essa peculiaridade torna o estudo de mitologia necessário para o atendimento clínico. Foi a constatação repetida dessas experiências que conduziu Jung a concluir sobre os moldes básicos para a formação de mitos, daí os arquétipos, no inconsciente coletivo.

A existência do inconsciente coletivo não depende da experiência: Nascemos com uma herança psicológica que se soma á herança biológica. É o conjunto de todos os

arquétipos e instintos. Trata-se, para Jung, de uma região obscura, uma camada mais profunda do inconsciente, constituída de padrões não-individuais. Contém toda a herança espiritual da evolução da humanidade e tem estrutura hereditária de funcionamento

Depois de haver completado os estudos sobre diversos arquétipos, Jung descobriu o arquétipo do Self. Esse é o arquétipo principal do Inconsciente Coletivo é o arquétipo da organização da personalidade, que atrai para si e harmoniza os demais arquétipos.

Para Jung, a meta final de qualquer personalidade é chegar a um estado de auto-realização e de conhecimento do próprio Self. É através do desenvolvimento do Self que o ser humano fica motivado para aumentar a consciência, a percepção, a compreensão e o sentido da própria vida. O conceito de arquétipo do Self figurou ser o resultado mais importante das investigações Junguianas sobre o Inconsciente Coletivo.

OS MITOS:

Os mitos sempre foram estudados, sendo a mais antiga de suas interpretações a de Evêmero, filósofo grego do século IV a. c. Para ele, os mitos seriam transposições de acontecimentos históricos e de suas personagens para a categoria divina. No século XIX, segundo Nise da Silveira, ainda encontramos mitólogos sustentando essa mesma idéia. No entanto, a abordagem dos mitos por modernos especialistas, seria a que leva a interpretá-los como “expressão de formas de vida, de estruturas de existência. ou seja, modelos exemplares de todas as atividades humanas significativas” (SILVEIRA,NISE, P.114).

Para essa autora, a interpretação junguiana dos mitos acrescenta aos conceitos dos especialistas, dimensões muito mais profundas. Pois, segundo Jung, “os mitos são principalmente, fenômenos psíquicos que revelam a própria natureza da psique” e resultam da tendência do inconsciente de projetar as ocorrências internas que se desdobram inconscientemente em seu mundo interior, sobre os fenômenos do mundo exterior, traduzindo-as em imagens. É Jung quem afirma: “Não basta ao primitivo ver nascer o pôr-do-sol; essa observação externa será ao mesmo tempo um acontecimento psíquico: o sol no seu curso representará o destino de um deus ou um herói que, em última análise, habita a alma do homem” (SILVEIRA,NISE, P.114).

Assim, os mitos condensam experiências vividas repetidamente por milênios, experiências típicas pelas quais passaram e passam os seres humanos. Por isso, temas idênticos são encontrados nos lugares mais distantes e mais diversos. Carlos Byinton, renomado autor pós-junguiano, afirma:

Através do conceito de arquétipo, C. G. Jung abriu à psicologia a possibilidade de perceber nos mitos diferentes caminhos simbólicos para a formação da consciência coletiva. Neste sentido, todos os símbolos existentes numa cultura e atuantes nas suas instituições são marcos do grande caminho da humanidade das trevas para a luz, do inconsciente para o consciente. Estes símbolos são as crenças, os costumes, as leis, as obras de arte, o conhecimento científico, os esportes, as festas, todas as atividades, enfim, que formam a identidade cultural. Dentre esses símbolos, o mito tem lugar de destaque devido a profundidade e abrangência com que funcionam no grande e difícil processo de formação da consciência coletiva. (Prefácio da obra Mitologia grega de Junito de Souza Brandão v. 1 editora Vozes 21ª edição)

Ao longo da história, a feminilidade é simbolizada em diversos mitos, e não apenas na mitologia grega, mais conhecida. Mitologias de outras culturas e épocas são ricas em personagens que ilustram as diversas características femininas.

E se está em toda a parte do mundo, em todas as culturas, podemos dizer que, em cada mulher há uma dimensão mítica, que são aspectos diversos da feminilidade. As diferenças culturais entre esses diversos mitos femininos, apenas fortalecem a idéia de que esses padrões arquetípicos expressam forças potenciais presentes no Inconsciente Coletivo que uma vez conhecidos, podem auxiliar enormemente uma mulher no seu processo de individuação.

O ARQUÉTIPO DA GRANDE MÃE

Os aspectos do arquétipo da Grande Mãe se manifestam, simbolicamente, na representação de diversas deusas ao longo da história da humanidade. Como se constata em mitologias de vários povos.

O aparecimento desse arquétipo, assim como seu efeito, podem ser observados ao longo de toda a história da humanidade, porquanto estão presentes nos rituais, nos mitos e nos símbolos desde os primórdios do homem, e igualmente nos sonhos, nas fantasias e nas realizações criativas de indivíduos enfermos e sadios do nosso tempo” (NEUMANN,1999, p.19).

Mas, também, observa-se que cada deusa manifesta apenas alguns aspectos da Grande Mãe.

A dificuldade em descrever a estrutura de um arquétipo individual reside, em parte, no fato de que o arquétipo e o símbolo irrompem freqüentemente ao mesmo tempo em múltiplos planos. A fenomenologia das manifestações arquetípicas estende-se desde a pulsão instintiva do indivíduo primitivo, pertencentes a um grupo, até as formulações de conceitos e ideais nos sistemas filosóficos da vida moderna. NEUMANN, 1999,p. 23).

Esse autor explicita que apesar de uma infinidade de formas, símbolos e imagens, aspectos e conceitos, que se sobrepõe e se excluem mutuamente, e que se complementam, poderem manifestar-se aparentemente independentes uns dos outros, todos eles, estariam ligados a um arquétipo – por exemplo, o da Grande Mãe.

Ainda segundo o citado autor, esse é um fato que se impõe ao observador interessado em descrever um arquétipo, ou esse arquétipo em particular. Para Neumann, essa pluralidade é, em última análise, “variações em torno de um tema principal.” (NEUMANN, 1996, p.23).

Iemanjá é um exemplo de deusa, que a ela são atribuídas as mais diversas características, conforme relatam os seus mitos, o que nos evoca a imagem Primordial da Grande Mãe, indo do extremo da mulher guerreira à atitude de procriação e manutenção da vida. Assumindo assim, características também, duais. Sobre o arquétipo da Grande Mãe, Jung elucidada:

Ao arquétipo da Grande Mãe também são atribuídas características tanto de acolhimento, cuidado, sabedoria e suporte, como características aterrorizantes e obscuras. Como todo arquétipo, esse, o da grande mãe, tem em suas polaridades tanto aspectos positivos quanto negativos, que pode apresentar-se de inúmeras formas, revestido por uma infinidade de imagens. (JUNG 1934/2000a).

A GRANDE MÃE IEMANJÁ:

“Odò Ìyá!!!”

(Saudação a Iemanjá, significando: “Mãe do rio”).

Odolumaré, o deus supremo, também chamado Olorum e Olofin, vivia só no infinito, cercado apenas do fogo, chama e vapores, onde quase nem podia caminhar. Cansado desse seu universo tenebroso, cansado de não ter com quem falar, cansado de não ter com quem brigar, decidiu pôr fim àquela situação. Libertou as suas forças e a violência delas fez jorrar uma tormenta de águas.

As águas debateram-se com rochas que nasciam e abriram no chão profundas e grandes cavidades. A água encheu as fendas ocas, fazendo-se os mares e os oceanos em cujas profundezas Olorum foi habitar. Do que sobrou da inundação se fez a Terra.

Ali nasceu Iemanjá em prata e azul, coroada pelo arco-íris Oxumaré.
Na superfície do mar, junto á Terra, ali tomou seu reino Iemanjá, com suas algas, estrelas do mar, peixes, corais, conchas e madrepérolas. (...) Iemanjá encantou-se com a Terra e a enfeitou com rios, cascatas e lagoas.
Assim surgiu Oxum, dona das águas doces. Quando tudo estava feito, cada parte da natureza na posse de um dos filhos de Iemanjá, Obatalá, respondendo diretamente às ordens de Olorum, criou o ser humano. E o ser humano povoou a Terra (VALLADO, P. 18 - 'Arostegui, 1994: 8-10').

Iemanjá, Yemojá (Yeye Omo Ejá), significa Mãe dos filhos peixes, divindade regente da pesca, devido ao seu culto original, na África, estar associado ao plantio e colheita dos inhames e coleta dos peixes.

Iemanjá está originalmente associada aos rios e suas desembocaduras, à fertilidade das mulheres, e à maternidade, ao processo de criação do mundo e é também considerada a divindade das águas doces, ninfa do rio Ogum, pelos ebás, povo assentado numa região entre as cidades de Ifé e Ibadan, na África.

Quando seus mitos e o seu culto foram trazidos para o Brasil, principalmente pelos povos de origem iorubá, em fins do século XVIII até quase metade do século XIX, ela assumiu o reino das águas salgadas e, com o tempo, começou a ser cultuada pelos pescadores brasileiros como sua padroeira, passando a ser considerada a orixá do mar, como descreve Reginaldo Prandi:

Deusa das águas, mares e oceanos, esposa de Oxalá e mãe de todos os Orixás, é a manifestação da procriação, da restauração, das emoções e símbolo da fecundidade. Yemanjá: Ye-Omo-Yá_mãe de todos os peixes, que são seus filhos e estão contidos em suas estranhas de água. Está associada ao poder genitor, a interioridade, aos filhos contidos em si mesma. Seu adedé (leque) simboliza a cabeça mestra. Ela é muito bonita, vaidosa e dança com o obebé (espelinho) e pulseiras (PRANDI, p. 107).

Diversos mitos foram documentados acerca de Iemanjá por vários pesquisadores, em diferente épocas, destacando-se no Brasil, ao final do século XIX, Raimundo Nina Rodrigues e Reginaldo Prandi, autor contemporâneo e considerado um dos mais conceituados pesquisadores da mitologia africana no Brasil.

Embora a deusa assumia nesses mitos diversos papéis, entre eles os de mãe, esposa, filha e amante, ela está principalmente associada ao processo de criação do mundo e da continuidade da vida, como conta alguns de seus principais mitos.

Armando Vallado (p.41) esclarece que qualidade é um termo utilizado no candomblé para referir-se às múltiplas invocações ou avatares dos orixás. As qualidades são diferenciações elaboradas a partir de seus atributos, explicitando as várias facetas de

uma mesma divindade. Essas qualidades referem-se a cultos específicos do orixá, em que são invocados aspectos míticos da sua biografia mítica, o que inclui suas diferentes idades, suas lutas, seus momentos de glória, locais geográficos, entre outros, estando a maioria dos orixás no candomblé, divididos em vários orixás-qualidades.

Elucida o autor que quando um filho é iniciado no culto, é seu orixá particular, uma das infinitas partes do orixá-qualidade, que é fixado na cabeça do adepto e numa representação material (assentamento), de modo a ser cultuado.

Reginaldo Prandi, afirma que “o orixá particular é parte do orixá geral, subdividido em suas múltiplas qualidades, avatares, caminhos” (PRANDI, p.13).

Dessa forma, Iemanjá é a representação da energia da Grande Mãe, provavelmente por possuir múltiplos aspectos femininos.

AS QUALIDADES GUERREIRA E MATERNA DE IEMANJÁ

(Iemanjá Ogunté e Iemanjá Aoiô):

IEMANJÁ OGUNTÉ:

Iemaya Ogunte, é azul-clara e vive nos arrecifes próximos da praia. É a guardiã de Olokum. Sob este nome ela é a mulher de Ogum, deus da guerra; é uma amazona terrível, que traz, pendurado na cintura, um facão e outros instrumentos de ferro de Ogum. Ela é severa, rancorosa e violenta; detesta pato e adora carneiro (VERGER, p.46).

Embora em alguns mitos, Ogunjá Ogunté seja apresentada como a esposa de Ogum, parece mais apropriado entendê-la como a companheira de Ogum, aquela que o defende e com ele compartilha aventuras de guerra. Esta relação com o orixá do ferro e da guerra ajuda no entendimento de sua participação no mito que se segue:

Iemanjá estava em casa quando apareceu Ogum desesperado. Ele fugia de inimigos que fizera em mais uma briga e queria um lugar seguro para se esconder. Iemanjá escondeu Ogum e, tomando sua roupa, vestiu-se com ela. Os inimigos, ao chegarem ali, reconheceram naquela pessoa que se punha diante deles, o próprio Ogum. Ficaram satisfeitos, pois acreditaram ter conseguido apanhar o seu agressor. Ao agarrar a presa, os inimigos perceberam, contudo, que não se tratava de Ogum e sim de Iemanjá, vestida sim com as roupas dele. Diante do deste fato, os homens desistiram de sua

perseguição e partiram. Desde aquele dia, Iemanjá Ogunté usa ferramentas iguais às de Ogum e, vez por outra, junto com ele, executa trabalhos de ferreiro e vai às guerras acompanhando o orixá do ferro (VALLADO, P.45).

Em seu livro, Woolger (p.45), descreve que na mitologia grega, Atena é uma deusa que ocupa um lugar de eminência no panteão grego por ser filha do deus supremo, Zeus. É considerada a Donzela Guerreira e padroeira da cidade de Atenas. Veio a representar os mais elevados ideais espirituais e as mais sublimes criações do patriarcado grego do século V a.c.

O mito mais popular sobre o nascimento de Atena descreve que uma das deusas maternais mais antigas, a Titã Métis, ficou prenhe de Zeus, e, este, temendo ter um filho que viesse a depô-lo, engoliu essa potestade por inteiro. Posteriormente, uma deusa guerreira já adulta, inteiramente armada, vestida de armadura e lança em punho, foi tirada da cabeça de Zeus.

A característica arquetípica desse feminino, também é representada pela mulher que expressa atributos de clareza de pensamento e decisão, características essas, quando manifestadas de forma positiva, contribui para o desenvolvimento de uma auto-imagem positiva em vez de utilizar essa habilidade de forma a se sentir inadequada, temendo estar se masculinizando.

Considerando os atributos de Atena à mulher do mundo moderno, ela será a deusa da civilização, a deusa independente. Aquela que porta armas à maneira masculina dos guerreiros. Aquela deusa que relaciona-se com homens que forem heróicos, “companheiros de armas”, com quem possam compartilhar ideais, ambições, metas profissionais e lutas. Considerações que nos remete às características de Iemanjá Ogunté.

IEMANJÁ AOIÔ:

É aquela que usa os trajes mais ricos e se protege com sete anáguas para fazer a guerra e defender seus filhos. quando sai a passeio, usa as jóias de Olokum e coroa-se com Oxumaré, o arco-íris. (VALLADO, P.50)

Iemanjá Aoiô ou Awoyó é cultuada em alto mar e na beira das lagoas. Prefere as águas aparentemente mais calmas, conforme seu caráter. De todas as qualidades de

Iemanjá, é a que possui o caráter mais feminino, estando voltada para as causas da família, dos filhos e de seu companheiro. Implacável em suas decisões familiares, não permite a interferência de terceiros em suas atitudes, principalmente ao tratar-se de julgamentos acerca de conduta no meio social, trazendo sempre as questões familiares como alvo de suas preocupações (VALLADO, p.45).

Na mitologia grega encontramos Deméter, a Deusa Mãe na Grécia antiga, que tinha a função especializada de presidir sobre todas as formas de reprodução e renovação da vida, especialmente da vida vegetal. Figura complexa e bem elaborada, historicamente. Ela se situa entre os antigos cultos neolíticos da Grande Mãe. Ela é a deusa da fecundidade, da fertilidade e da regeneração.

Na sua obra “*As Deusas e a Mulher*”, Bolen analisa o seu nome: “Parte de seu nome, ‘*Meter*’, parece significar ‘mãe’” (BOLEN, p. 240) e, enaltece essa autora a veneração a que essa deusa foi objeto. Era venerada como deusa mãe, especialmente como mãe do cereal e mãe da jovem Core, mais tarde conhecida como Perséfone. Seu mito, na verdade, corresponde à história da sua dor por ter tido a sua filha raptada por Hades, deus do mundo avernal.

Como mãe revoltada contra Zeus pelo rapto da filha, Deméter abandona o Olimpo e esconde-se entre os mortais, disfarçada de anciã e, definhando de dor envia uma terrível seca sobre a terra que ameaça destruir toda a espécie humana. Rejeita todos os mensageiros de Zeus, recusando-se por os pés no Olimpo ou a permitir que qualquer fruto brote sobre a terra até ver sua filha mais uma vez.

Finalmente, persuadido por Zeus, Hades cede, mas dando a Coré a doce semente de uma romã que ela come. Isso indica que Zeus concordou que ela permaneceria um terço do ano com seu marido, Hades, no mundo avernal, e um terço do restante com sua mãe Deméter e os outros imortais. Mãe e filha são reunidas num clima jubiloso de festa no templo do Deméter, em Eleuzis, e Deméter miraculosamente envia frutos e folhagem por sobre toda a terra. Por fim, antes de retornar ao Olímpio, Deméter instrui os habitantes de Eleuzis nos seus ritos sagrados e secretos. Este mito tornou-se a base dos mistérios dos Eleuzis, os mais sagrados e importantes rituais religiosos da Grécia antiga por mais de 200 anos.

No mundo moderno, corresponde à mulher que reserva o seu amor, prioritariamente, para os filhos, contendo em si mesma, com abnegação e generosidade, todos aqueles a quem ama física e espiritualmente, num estilo mais introvertido. Deméter é o arquétipo materno. Representa o instinto maternal desempenhado na

gravidez ou através da nutrição física, psicológica ou espiritual dos outros” (BOLEN, P.240).

Deméter corresponde à mulher moderna que prioriza ter um companheiro forte e confiável que contribua com a subsistência da casa enquanto ela cuida maternalmente de todos a sua volta, como filhos.

Encontramos no mito de Deméter na mitologia grega, semelhanças a Yemanjá Aoiô, da mitologia africana e suas atitudes correspondem, numa forma saudável, na mulher, ao pronto atendimento da satisfação de necessidades naturais do humano. Mas, expressa de uma forma obsessiva, afasta-se, e muito, da condição do auto-cuidado que deve preceder ao atendimento às necessidades de outrem.

OS ASPECTOS DUAIS DO FEMININO

Segundo a cultura chinesa existem dois pólos arquetípicos, o Yin e o Yang que sustentam o ritmo fundamental do universo, este, empenhado em um movimento e uma atividade incessantes, num contínuo processo cósmico a que os chineses chamaram tao – o “caminho” (CAPRA, p.32-34).

A principal característica do Tao é a sua natureza cíclica. Os chineses atribuem a essa idéia de padrões cíclicos uma estrutura definida, mediante a introdução dos opostos Yin e Yang. “Tendo o Yang atingido seu clímax, retira-se em favor do Yin” (CAPRA, p.33).

Segundo Fritjof Capra, todas as manifestações do TAO são geradas pela interação dinâmica desses pólos arquetípicos, que estariam associados a numerosas imagens de opostos colhidas na natureza.

Nada é apenas Yin ou apenas Yang. Todos os fenômenos naturais são manifestações de uma contínua oscilação entre os dois pólos, todas as transições ocorrem gradualmente e numa progressão ininterrupta. A ordem natural é de equilíbrio dinâmico entre o Yin e o Yang. Na cultura chinesa, esses dois pólos nunca foram associados a valores morais. O que é bom não é o Yin ou Yang, mas o equilíbrio dinâmico entre ambos, o que é mau ou nocivo é o desequilíbrio entre os dois (CAPRA, p.33).

O autor afirma que a atividade dinâmica dentro do contexto social atual da

mulher imprime nela uma característica predominantemente Yang, o que suscita uma reflexão acerca da sua natureza feminina e quanto à necessidade de equilibrar o potencial ativo e passivo que a constitui, como forma de viver de uma forma mais consciente e conectada ao ser.

Chama atenção também para o fato de na nossa cultura, as mulheres estarem tradicionalmente retratadas como passivas e receptivas, e os homens, como ativos e criativos, o que sugere a associação do Yin como passividade e do Yang como atividade, o que evidencia uma expressão de estereótipos patriarcais, numa moderna interpretação ocidental que está longe de refletir o significado original dos termos chineses (CAPRA, p.34).

Jung (1986, P.189) define animus como a personificação masculina do inconsciente na mulher, tal como o correspondente feminino no inconsciente do homem, a anima. O animus possui aspectos positivos e negativos.

No seu aspecto negativo, ele personifica a brutalidade, a frieza e a obstinação, e paralisa o crescimento da mulher. Quando no aspecto positivo, funciona como uma ponte para o Self, personificando a capacidade de uma mulher ter coragem, espírito e verdade, estabelecendo uma ligação com a fonte da sua criatividade pessoal (VON FRANZ, 1996, Cap. 13)

Torna-se clara assim, a importância da integração do animus na mulher, pois, dessa forma, ela estará dando força de expressão ao componente da sua psique, aparentemente dual, mas, em verdade, complementar, adquirindo o impulso necessário para uma maior auto-aceitação e desempenho na vida com clareza de propósito.

John A. Sanford, em sua obra *Os Parceiros Invisíveis*, aborda a situação do relacionamento humano, sob o ponto de vista da manifestação de denominados por ele como “parceiros invisíveis” existentes no homem e na mulher que seriam os arquétipos anima-animus e da necessidade de expressão desses aspectos, de uma forma integrada ao ser, como fundamento para relações humanas mais inspiradoras e bem sedimentadas. “Para estabelecer a diferença entre o que é feminino e o que é masculino, podemos nos reportar a imagens, em termos de funcionamento psicológico. Falar do macho e da fêmea é uma maneira de dizer que a energia psíquica, como todas as formas de energia, corre entre dois pólos” (SANFORD, p.15).

A manifestação do animus positivo se configura na sustentação de toda a gama

de intuições e sentimentos inerentes à mulher, dando suporte à expressão feminina. Assim, apropriar-se do feminino é como estar conectado ao funcionamento de uma grande rede de engrenagens em que os aspectos *Yin* se manifesta à medida que o *Yang* vai acionando-o, ao mesmo tempo que o *Yang* precisa ser acolhido pelo *Yin* para poder se manifestar. Uma engrenagem única, recíproca e interdependente.

Se a mulher se der conta da natureza do seu animus e da influência que ele exerce sobre a sua pessoa, e se enfrentar esta realidade em lugar de se deixar possuir por ela, o animus pode tornar-se um companheiro interior precioso que vai contemplá-la com uma série de qualidades masculinas como a iniciativa, a coragem, a objetividade e a sabedoria espiritual. (JUNG, p.194)

No nosso entender, a descrição de Capra, da necessidade de desenvolvimento de uma energia equilibrada yin/yang é coerente com a visão de Jung da dualidade anima/animus. Para John Sanford a mais importante contribuição que Jung deu em seus conceitos de anima e de anima reside no fato de que ele nos deu uma idéia da polaridade existente dentro de cada um de nós. Ele afirma que:

Não somos unidades homogêneas de vida psíquica, mas possuímos uma inevitável oposição dentro da totalidade que forma o nosso ser. Existem opostos dentro de nós, podemos chamá-los do que quisermos (masculino e feminino, anima e animus, yin e yang e eles permanecem eternamente em tensão e estão eternamente buscando a união (SANFORD, p.15).

E conclui: “A alma humana é uma grande arena em que o Ativo e Receptivo, a Luz e as Trevas, o Yang e o Yin procuram unir-se e forjar dentro de nós uma indescritível unidade de personalidade” (SANFORD, p.15). E concordando com esse autor podemos dizer que, realizar essa união de opostos dentro de nós, poderá ser muito bem a tarefa da vida.”

CONCLUSÃO

Iemanjá e Orunmilá já não conseguiam viver longe um do outro... Ela conseguiu tirar todos os segredos e feitiços dele e eles tiveram muitos filhos Orixás (PRANDI, P. 109).

Iemanjá, de acordo com o que foi descrito sobre o mito, na sua forma mais integrada de ser, se evidencia no arquétipo da Grande Mãe. A Deusa que expressa diversas qualidades, de uma forma essencialmente feminina e receptiva. Aquela que acolhe e que cuida.

E é essa a principal característica que tentamos enfatizar: a personificação da mulher integrada, como o resultado da incorporação de suas energias opostas, que só são possíveis com uma atitude feminina, de abertura e acolhimento para todos os aspectos do seu ser.

Assim concordamos com Jean Shumoda Bolen, autora junguiana, quando esta afirma que há muitas deusas numa determinada mulher e “quanto mais complicada ela for, tanto mais provável é que muitas deusas estejam atuando nela, pois o que é realização para uma parte dela pode não ter sentido para uma outra parte”

Os aspectos guerreiro e materno de Iemanjá Ogunté e Iemanjá Aoiô sugerem uma caracterização de ações Yin e Yang. O que nos sugere papéis duais assumidos pela mulher, em sua atuação no mundo contemporâneo. Sendo muito comum, hoje em dia, detectarmos o animus projetado na mulher, atendendo aos aspectos de Iemanjá Ogunté em detrimento da manifestação do feminino pronunciado de Ogunjá Aoiô.

Iemanjá é a personificação da integração do seu componente animus guerreiro, que uma vez sendo totalmente acolhido, se manifesta naturalmente, dando suporte à essência feminina da Deusa.

A Deusa Iemanjá dança o seu Poder representando a origem mitológica da humanidade. Ela nos lembra em seus rítmicos passos, que a totalidade está na união dos opostos, do consciente com o inconsciente, do passado com o futuro, e dos aspectos masculinos com os femininos, que existem em todos nós.

Para Jung a psique é um relacionamento altamente complexo de fatores psíquicos tanto conscientes como inconscientes, centralizados no ego consciente e constituindo um sistema teleológico cujo objetivo é a obtenção de um equilíbrio entre seus vários componentes. Dentro desse enfoque é que poderemos concluir que se uma

mulher toma consciência do aspecto guerreira da deusa, assumindo-o juntamente ao seu lado materno, um complementando o outro, eis a constituição do casamento ideal consigo mesma e a prontidão para exercer uma relação equilibrada, também com o outro.

Iemanjá, como Grande-Mãe, com seu espelho a mirar-se, com o olhar acolhedor, voltado para si, inspira, no ser feminino, a mesma atitude de mirar-se, de uma forma acolhedora, compassiva e sem julgamentos, dando-se espaço interno suficiente para o acolhimento e integração do seu animus positivo. Iemanjá, a representação compassiva que nos leva à conjunção da energia feminina da mulher com o seu animus consciente, à expressão de uma mulher integrada ao seu ser.

BIBLIOGRAFIA:

BOLEN, Shinoda Bolen. **As Deusas e a Mulher**. Editora Paulus, 8º edição, S.P, 2007.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**. 21º edição, Editora Vozes, 2003.

CAPRA, Fritjof – Capra. **O Ponto de Mutação**. Editora Cultrix, SP, 1989.

FRANZ, Marie Louise Von. **O Caminho dos Sonhos**. Ed Cultrix, SP, 1996.

NEUMANN, Erich. **A Grande Mãe**. Editora Cultrix, 1996.

JUNG, Carl Gustav. **O Homem e seus Símbolos**. Ed. Nova fronteira, RJ, 6ª Ed,1987.

PRANDI, Reginald. **Mitologia dos Orixás**. Ed Schwarcz Ltda., SP, 2009.

SANFORD, John. A. **Os Parceiros Invisíveis**. 10º edição, Editora Paulus , SP, 2007.

SILVEIRA, Nise. **Jung-vida e obra**. 21º edição, Editora Paz e Terra, SP, 2007.

VALLADO, Armando. **Iemanjá, a Grande Mãe Africana do Brasil**. Ed Pallas, RJ, 2002.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Orixás**. Ed. Corrupio, 2002.

WOOLGER, Roger J. Jennifer BarkerWoolger. **A Deusa Interior**. Ed. Cultrix, SP, 2007.